

ERMES  
TANT  
ULHO  
T. IV.

MISC.  
234

MISC.

234

SERMAO  
 PANEGYRICO-DEPRECATIVO  
 A<sup>o</sup>  
 RAINHA S. IZABEL,  
 NA FESTA

Que lhe dedicárao as Religiozas de S. Francisco do Real Con-  
 vento de S. Clara de Coimbra pela continuacão das melho-  
 ras do Serenissimo Rey, e Senhor Nosso D. Joao V.  
 em o dia 12. de Julho, e primeiro depois do sole-  
 mne oitavario da Rainha Santa, em agrade-  
 cimento de repetidos favores do mes-  
 mo Monarca recebidos,

QUE PREGOU

O M. R. P. M. Fr. JOSEPH CAETANO,

*Religioso da Ordem de N. Senhora do Carmo da Antiga, e Regular Obser-  
 vancia, Doutor, e Mestre na Sagrada Theologia pela Universi-  
 dade de Coimbra, Lente da mesma faculdade no seu Collegio  
 da dita Cidade, &c.*

DADO A' ESTAMPA

Pelas RR. MM. ABBADEÇA, E MAIS RELIGIOZAS  
 do mesmo Real Convento de S. Clara.



COIMBRA:

No Real Collegio das Artes da Companhia de JESUS,  
 Anno de 1745.

*Com todas as licenças necessarias.*





# LICENCAS DO SANTO OFFICIO.

## CENSURA

*Do M. R. P. M. Fr. Francisco de Santa Tereza  
Xavier, Lector de Theologia, Consultor da  
Bulla, Qualificador do Santo Officio, e  
Ministro Provincial da Provincia  
de Portugal.*

EMINENTISSIMO SENHOR.



OR ordem de V. Eminencia vi o Sermaõ Panegyrico-Deprecativo á Rainha Santa Izabel, que na festa, que lhe conflagraraõ as Religiosas de Santa Clara de Coimbra pela continuação das melhoras do nosso Augustissimo, e Inviçtissimo Mo-

narca, prégou o M. R. P. Fr. Jozé Caetano da Sagrada, e Preclarissima Ordem de Nossa Senhora do Carmo da Antiga, e Regular Observancia, Doutor, e Lente de Theologia no feo Collegio de Coimbra. E sendo este Panegyrico pela sua materia relevante, naõ he menos pela especiosissima, e discreta forma, com que aguda, e elegantemente a illustra o feo Author. A materia he taõ relevante, que comprehende a protecção de huma Rainha

inha Santa, a faude de hum Monarca pio, e soberano, e os arduos, e affectuosos empenhos de huns Serafins Religiozos; mas a forma taõ igualmente lhe corresponde, q̃ os pensamentos saõ sublimes, os textos regios, o estylo soberano, a eloquencia sagrada, e a locução Angelica. Por este motivo entendo, que naõ foi acazo, mas singular providencia, que este, e naõ outro fosse o Orador de taõ illustre solemnidade, porque sò elle com a aparada penna do seo discurso podia persuadir, e descrever com tanta elegancia materia taõ sublime, e ornalla com discretissimos conceitos do seo profundo entendimento, que parece, creou Deos para dezempenho das mais illustres, sagradas, & heroicas acçoẽs do zelo, e devoção Christãã. E quem allim discorre, he justo, que se imprimaõ os seus escritos, principalmente sendo taõ puros, como este Panegyrico, que em tudo se conforma à nossa Santa Fé, e bons costumes. Este he o meo parecer: V. Eminencia mandarã, o que for servido. Convento de S. Francisco de Lisboa 10. de Dezembro de 1744.

*Fr. Francisco de S. Tereza Xavier.*

**V**ista a informaçãõ, pode imprimirse o Sermaõ, que se apresenta, e depois de impresso tornarã, para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual naõ correrã. Lisboa 11. de Dezembro de 1744.

*Alancastro. Soares. Abreu. Amaral.*

---

---

DO ORDINARIO.

**P**Ode imprimirse, e depois de impresso, tornara conferido, para se lhe dar licença, para correr. Coimbra 18. de Janeiro de 1745.

D. Souza.

---

---

DO PACO.

CENSURA

*Do Doutor Antonio de Andrade Rego, Collegial, e Reytor, que foi do Collegio Real de S. Paulo, Lente de Decreto na Universidade de Coimbra, Conego Dotoral da S. Sè de Faro, do Conselho de Sua Magestade, Fidalgo da sua Caza, e Conselheyro da Fazenda Real.*

SENHOR.



**L**I com grande admiração este Sermaõ, que V. Magestade foi servido mandarme ver, prègado pelo Mestre Fr. Jozé Caetano, Religiozo da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, na festa de Acção de Graças, que as Religiozas do Real Convento de Santa Clara de Coimbra fizerao pela continuação

B das

das melhoras de V. Magestade, em demonstraçõ do seo agradecimento, à Rainha Santa Izabel, Avó de V. Magestade, em o dia 12. de Julho, succellivo ao ultimo do seo Oitavario.

E na verdade que com grande propriedade prégou esta festa dedicada á faude de V. Magestade hum filho do Patriarca Santo Elias, que por ter jurisdicã na morte, se reputa vivo, ha mais de vinte, e seis seculos, podendo se dizer de hum tal filho, que as suas vozes no pulpito saõ, como faiskas ardentes; e continua este Prégador no seo sermao aquelles louvores da Rainha Santa, que o P. Fr. Antonio de Escobar, seo Religioso, exprellou no seo livro, Phenis de Portugal, em tres discursos.

E justamente fes taõ festivo applauzo o Real Convento de Santa Clara de Coimbra, que tem a singularidade, de que, estando a virtude em outros Conventos, como em estalagem, naquelle reside, como em proprio domicilio, conservando-se o numero de oitenta Esposas de Christo, em contrapozicã das oitenta Esposas puniveis de El-Rey Salamaõ, e em aquelle Convento floreceeraõ sempre a Nobreza, e Virtude, e pela fama de Santidade, com que sempre se conservou, foraõ para elle destinadas a Senhora Princeza, Santa Joanna, excellente Senhora; e de lá sahiraõ Religiozas para Reformadoras do Convento de Benavente de Campos em Castella, e para o Convento de Monchique do Porto.

E naõ sem grande mysterio, se elegeo para esta festa, o dia doze de Julho, que foi, o em que a Rainha Santa, falecendo em Estremoz, em o dia quatro de Julho, chegou morta com realidades de viva ao Convento velho, aonde foi sepultada, paraque fosse applaudida a vida de V. Magestade, em o que esta glorioza Santa Rainha continuou em passar á melhor vida.

E tambẽ para felicidade desta festa concorreo S. Feliz  
para



para christianizar este mesmo dia , em que em Roma se festejou a saude de Julio Cezar , paraque o mez de Julho , que a elle se dedicou , dêsse da mesma forte o dia. Este dia foi para escurecer o de dez de Mayo de 1742. em que estremecco a Monarquia com a indisposiçaõ de V. Magestade , porem quebráraõ as tizouras as tres Parcas, que quiz Deos nosso Senhor conservar a vida de hum Monarca, a quem este Reyno deve o estabelecimento da paz , quando toda a Europa anda occupada em Marciaes conflictos, sendo a paz hum bẽm tão inestimavel , que os antigos a julgaraõ por divindade, e o Imperador Tito Vespasiano lhe edificou hum templo no monte Pelino, aonde pòs os despojos da destruiçaõ de Jerusalem.

A' vista de tão relevantes circumstancias , me parece, que este Sermaõ he digno de se dar à estampa , paraque se faça publica a erudiçaõ do Prégador , e saiba o mundo as demonstraçoens, com que o Real Convento de Santa Clara de Coimbra festejou a conservaçaõ das melhores da saude de V. Magestade, pellas quaes sempre estaõ rogando á Santa Rainha em testemuõho da Real liberalidade , comque V. Magestade tem tomado de baixo da sua Real protecçaõ o feo Convento; e sempre V. Magestade mandará, o que mais for de feo Real agrado. Lisboa 6. de Mayo de 1745.

*Antonio de Andrade Rego.*

**Q**ue se possa imprimir, vistas as licen-  
ças do Santo Officio, e Ordinario, e  
depois tornara à Meza, para se  
conferir, taxar, e dar licença, paraque pos-  
sa correr, sem a qual não correrá. Lisboa  
10. de Mayo de 1745.

*Pereira. Vas de Carvalho. Costa. Almeida.  
Carvalho. Castro.*





*Si diligitis eos, qui vos diligunt, quam mercedem habebitis?*

Matth. 5. v. 46.



O' quem pede com penhor fe-  
guro do despacho, pode dizer,  
que pede: só quem de caza tem  
a valia, que empenha para as sup-  
plicas, pode esperar do requeri-  
mento bom successo, Sanctissi-  
mo Rey occulto, Homem, e  
Deos Sacramentado; assim en-  
tre as submissoens do culto tem  
principio feliz a nossa roga-

tiva. Como Senhor tendes na vossa maõ a faude dos  
fervos: *Domino, qui sanat omnes infirmitates tuas;* Pf. 102  
v. 3.  
como Rey não só sabeis a falta, que huma cabeça faz ao  
corpo, mas tambem as qualidades da vossa Monarquia vos  
fizeraõ Principe compassivo. *Non enim habemus Ponti-* Ad Hebræ  
4. v. 15.  
*ficem, qui non possit compati infirmitatibus nostris;*  
como Homem provaistes com a experiencia, o que eraõ  
as enfermidades da morte: *Virum scientem infirmita-* 1/ai. 53  
v. 3.  
*tem;* como Deos podeis remediar os lethargos da fau-  
de, que em nos todos enferma: *A Deo est enim omnis* Eccl. 38;  
v. 2.  
me-

2 *Sermão Panegyrico-Deprecativo*

*medella*: como Sacramentado em fim, attendendo a que a vida dos Monarcas era, como a dos mais homens, ca-

*Ecl. 10.  
v. 11.*

duca, breve, fragil: *Omnis potentatus brevis vita;* ou lhes puzestes diante dos olhos a meza, com que matassem à fome, e a morte, de que já temiaõ a sombra:

*ps. 22. v.  
3-5.*

*Si ambulavero in medio umbræ mortis, non timebo... parasti in conspectu meo mensam;* ou vos consagraites em hum remedio, antidoto do lethal veneno, medicina da

*Joan. 6.  
v. 59.*

vida, e ultima dispozição, para esta rezistir à morte: *Qui manducat hunc panem, vivet.*

Só quem pede, dizia eu, com penhor seguro do despacho, pode dizer, que pede: Só quem de caza tem a valia, que empenha para as supplicas, pode esperar do requerimento bom successo. Frustraõie as diligencias, de quem pede, ou na pouca efficacia, com que roga, ou na indiscrição, do que pede, ou no descuido, e pouco respeito da valia, que procura, ou finalmente no pouco empenho, com que se affervoraõ as supplicas. Se peço, e me falta a efficacia, esquece o despacho: se naõ sei maduramente, o que procuro, faltame aquella indispensavel condição de saber, o que peço: se a valia he pouco attendivel, nada o seo respeito consegue: se em fim o dezejo de conseguir naõ he intenso, pouca violencia, e injuria sente à vontade em naõ conseguir, o que pertende.

E faltará ao empenho da supplica, que a este publico lugar me conduzio, alguma das circunstancias, que facilitem o despacho? Para se ouvir a reposta taõ verdadeira, como cada hum de nós a sente, examinemos aos empenhados, & da sua confissão colheremos a efficacia, valia, e ancia, com que pedem. Quem te obriga, oh Religiozissimo Seraphico Congresso, a esta oblação humilde, quando olhando para o tẽpo, e para as mais circunstancias, parece, já vinha tarde a tua supplica? Hum Rey (responde

o dezejo, & sentimento) Pay da Patria, Principe da Paz, Defensor da Igreja, Exemplar da Religião, a quem as forças de hum mortal achaque renderão ás suas violencias vencido, e prostrado aos seus ultrages; Rey, por quem ainda se não enxugaraõ as primeiras lagrimas na sua doença, para eternas, agradecidas, e fieis testemunhas do nosso devido sentimento. Que efficacia (torno, e continuo a perguntar) dá o teu dezejo a estas supplicas? Não o respondeão as vozes, os coraçãoes o digaõ. Sim, mas se a magoa os embarga? Ouçaõse em toda esta Monarquia Portugueza os eccos das enternecidas supplicas, com que para o nosso Rey, entãõ perigosamente enfermo, pediraõ, e talvez alcançaraõ de Deos conhecidas melhoras: digaõ a efficacia aquellas vivas Religiozas estatuas de penitencia, amortalhados valedores em grossieiros habitos, rubricados empenhos de enfanguentados golpes, com que escreviaõ supplicas, que no silencio da noite, ou abalaraõ os marmores a sentir, pois os coraçãoes estallavaõ, ou convidaraõ a repetir rogativas aos mesmos, Vassallos, digo, deste Reyno, que em continuo humilde sacrificio eraõ oblação perpetua, petição continuada.

Mas que pedes, oh empenho, quem te apadrinha? Peço, ( responde o commum dezejo ) e com tal rezaõ, quanta acharaõ sempre os animos Portuguezes, exemplares da lealdade, para não só dezejar, buscar, e pedir a vida dos seus Reys, mas tambem para dar por elles a propria: naçaõ, que com o sangue das suas veias córou aos seus Principes a purpura, genio, que com a sua morte comprou para os seus Monarcas a vida, não sabe pedir para estes, sem saber o que pede; he muito voluntario o seu amor, e huma vontade Portugueza nesta affeição aos seus Principes taõ constante não podia padecer indifferença, no que pede; a saude deste Rey dá

4 *Sermão Panegyrico-Deprecativo*

dá vida aos feos subditos, como cabeça aos membros, como alma ao corpo; e que mais discreta supplica, que pedir cada hum para si a vida? Quem finalmente, oh discreto eficaz, e empenhado dezejo, quem te apadrinha? Quem mais rezoens de interesse tem, que nós mesmos? O enfermo he o Serenissimo Rey (diga-o reverente o culto) o Senhor D. Joaõ V. o empenho para Deos lhe dispender a faude, ou continuar as melhoras he a gloria de Aragaõ, e Portugal, deste na coroa, e occazo, daquelle no oriente, e berço, a Rainha penitente, Iris pacifico da Europa, S. Izabel Aragoneza, e Portugueza, Avó decima terceira do nosso Monarca enfermo: e como naõ lhe doerãõ na alma ( que o feo corpo ja naõ sente ) as molestias de hum Rey, e Reyno tanto feos? Como naõ pedirá com efficacia, como naõ confeguirá com felicidade, quem para Deos tanto pode? Por certo, que quem pede com tal valia, quem supplica com taõ poderosa intervençaõ, sabe pedir, sabe rogar: para ditozo annuncio, e penhor do despacho tens, oh Real Convento, naõ menos, que hum incorrupto corpo, hum estimavel thezouro de teo mesmo valedor: podes logo com o corpo comprar a faude, com o thezouro as melhoras: pelas seccas veias desta, já defanimada Rainha, correo o sangue, e purpura, que em doze se communicou ao Principe, que agora te rege, em doze rios se dispendeo para este, que agora te fertiliza; ve bem, se hum corpo incorrupto, origem de hum Rey vivo, será remedio, para que este ainda naõ padeça a morte. Assim he, mas ouçamos ao presente Evangelho, que dê titulo ao empenho.

Trata Christo, segundo escreve S. Mattheos, do amor, comque devemos dezejar bem huns aos outros, e deixado o amor dos inimigos, que heroicamente praticou S. Joaõ Gualberto, (assumpto à solemnidade Eccle-

ziasica de hoje) diz estas misteriozas palavras: se amais, aos que vos amaõ, que paga ha de ter este amor: *Si diligitis eos, qui vos diligunt, quam mercedem habebitis?* He certo, que o amor agradecido, obrigado de alheios beneficios, niel ao affecto de outrem, he acto taõ meritorio, exercicio taõ louvavel, que o feo preceito alem de transcender por todos, se envolve particularmente no segundo preceito do Decalogo: *Diliges proximum tuum...amicum tuum.. sicut te ipsum*: este amor, como diz o texto, he amor de pedir bem, para quem com o feo affecto nos obriga, que isso queremos dizer as palavras, *Si diligitis eos, qui vos diligunt*. Consiſte este amor em pedir o bem, para quem devemos naõ querer o mal, he hum affecto deprecativo, ou de rogos, assim se lè em lugar das mencionadas palavras nas versoes de Vatablo, Pagnino, e Syriaca: *Bona precamini... Bene precamini... Orate... Si postulaveritis*: he logo a natureza, e empenho deste amor rogar, e pedir bem, para quem amamos obrigados, pagando neste amor ou o nosso empenho, ou o beneficio da sua benevolencia: *Bona precamini: Si diligitis eos, qui vos diligunt*. Assim meimo esta Religioza Cõmunidade devo a Magestade aquelles beneficios, em que a sua liberalidade, e inclinaçãõ Regia rompeo, e postoque a sua grandeza foi a sua Avó devido agradecimento, comtudo para este real Convento foi argumento de eterna gratificaçãõ; pelo que paga agora neste amor deprecativo, neste bem rogar, a quem lhe communicou na mereçõ mil bens: *Bona precamini: Si diligitis eos, qui vos diligunt*.

So me faz duvida aquella pergunta do Evangelho, *quam mercedem habebitis?* E por ventura naõ tem premio que lhe corresponda, de empenho, que respeite este amante, anciozo empenho de querer o bem da saudade contra o mal da doença para o nosso Monarca en-

Matth  
ubi supra

Levitic  
19. v. 18  
Marci  
12. v. 13.

ubi supra

In Origin  
alibus  
& apud  
Sylvestr  
hic.

ut supra

El Rey  
N.S. por  
sua Pro-  
vizãõ do-  
brou as  
propinas  
do pres-  
to da Rai-  
nha San-  
ta, e mã-  
dou, que  
hum Lè-  
te da U-  
niversi-  
dade of-  
ficialle  
Vesperas  
e Missa  
no anno  
de 1744.

6 *Sermão Panegyrico-Deprécativo*

fermo? Será, porque este dezejo he divida? Será, porque todo o obzequio lhe he por mil titulos devido, e por isso, como paga, não argue justiça para premio? Se o empenho desta supplica não olhaste para o interesse, podéra dizer, que sim, mas como por força da molestia, com que lucta, se faça o nosso Monarca emprego da sentida compaixão dos seus vassallos, ao dezejado fim das suas seguras melhoras aspiraõ as nossas rogativas; por isso fiadas no intercessor, de que se valem, tem no mesmo pedir o premio, no mesmo rogar a paga: Logo a satisfaçaõ deste empenho he o seu bem querer, he o dezejar para o seu Rey o contrario a todo o mal, em paga de lhe dispender com mais Regia os bens sem termo: *diligitis eos, qui vos diligunt*. Sem olhar para a valia, este era hum natural assumpto, mas como deve entrar no discursõ, quem apadrinha os rogos, dirá S. Izabel, como intercessora poderosa, que paga ha de ter este empenho, este amor, esta supplica: *quam mercedem habebitis?* seja o premio o mesmo amor, nem seja só o rogar, nem só o querer, seja tambem o conseguir; pois o amor não só he affectivo, mas tambem effectivo: este pois será o meo assumpto, em huma supplica, em hum empenho, mostrar, como a petição, com que este Religiozo, e Real Convento dezeja para o seu Monarca enfermo a saude apadrinhada por S. Izabel, tem certa no mesmo dezejo a paga, no mesmo empenho a saude, nas certas esperanças de conseguilla, como devidas à valia efficaz, de que se patrocinaõ: *Si diligitis eos, qui vos diligunt: Si postulaveritis: bona precamini: quam mercedem habebitis*. A dispozição do assumpto pede hum só discurso; he ardua a sua materia; foi para discorrella brevissimo o tempo, huma, e outra cauza me eluzaraõ da lima, e espero tambem, que da censura.

Esta pia affeição aos seus Monarcas nos corações



Portuguezes nasce da fé, comque os servem, e lealdade, comque os respeitaõ? Cuidaraõ sempre os Princeses d'elle Reyno, de quem Deos he particular Senhor, de merecer aos seus vassallos todo o excessõ, com que eternizaraõ no bronze da fama das suas façanhas perpetuos brados: para sustentarlhes a coroa na cabeça, e dilatarlhes o Imperio nasceraõ herdeiros do valor Portuguez Gamas, Pereiras, Castros, Albuquerque, e outros, que ás mais naçoens deraõ leis de brio, e amor aos Princeses: para perpetuarlhes a vida, comprariaõ sem excepçaõ de huns a outros todos os seus subditos ao nollo Monarca, que de presente reyna, a faude à culla das proprias; se pela fama, e jurisdicçaõ arriscaraõ, e perderaõ as vidas, por esta que naõ offereceriaõ ao custo? Digaõno os membros da Republica deste Reyno enfermos, ha hoje quazi dois annos, e secenta dias, ( que tantos ha, que esta doença nos maltrata ) em quem os repetidos desmaios, e sustos da morte, ou deixaraõ vidas para emprestar alentos à cabeça, ou para esperar felizes melhoras. Em que peito mais duro, que o rochedo, naõ acharia hum Principe, como este, taõ perfeito, huma pia afeiçaõ para dezejarlhe a vida? O amor he ou de bem querer, ou de bem obrar, ou de bem dizer, nestas tres especies recopilou Plataõ todo o affecto, natureza, e seo fim: *Bene velle, bene operari, & bene loqui amicitia complectuntur naturam, & finem.* O bem dizer, e as mais especies desempenharaõ repetidas supplicas, excessivos empenhos, até que dos mesmos altares tirou a devoçaõ inquieta multiplicados intercessores nos santos, para que ou se abalassẽ a pedir com efficacia, ou se moveissem a sentir, rogando, para que finalmente obrigados a hum Rey taõ pio pedissem devedores, e se empenhassem compassivos: naõ houve em fim parte, aonde naõ chegasse com o sentimento geral o commum empe-

Apud Fi-  
libert. ad  
usũ Del-  
phini O-  
rat. Cicer.  
tom. 3. o-  
rat. 9.  
fol. mibi  
126.

8 *Sermão Panegyrico-Deprecativo*

penho; com esta solemnidad porem ainda até aqui a este Convento não chegara o dezejo; não accuzo de esquecida a devoção, sim de accordada; nem todos os medicamentos cabem, nem tem lugar em todo o tempo de doença, para este guardava o empenho deste moiteyro o remedio.

E por ventura pedem com esperanças do despacho estes empenhados animos? Sim; e como gosta desta palavra o nosso empenho: as supplicas em qualquer negocio, supposto o dezejo, são certas, incerto o despacho, mas como a valia he tão segura, quem deixará de esperar, e ainda de prometter seguro o bom despacho? Pedem a Deos os vassallos deste seu Imperio, multiplicação neste dia os rogos a favor da faude para o seu Rey enfermo, e attendendo Deos para o empenho, e Patrono, de que se valem, parece, que não pode deixar de annuir ás supplicas: afervora, e apadrinha S. Izabel os rogos do seu povo, bem, como Elther do seu, e neste seu patrocínio se promette, que olhando Deos para o empenho bem, como Aflüero, para a Rainha intercessora, haõ de conseguir as nossas rogativas bom despacho. Falla David no Psalmo 88. segundo o permitem as sombras do futuro, em proprios termos do Serenissimo Rey o Senhor D. João o V. como objecto desta petição, e diz, que Deos por occultos motivos da sua Providencia, ou justificada vingança da nossa maldade [castigando na cabeça os membros, na pessoa publica as particulares] diminua, ( pois huma vida enferma he meia morte, e menos vida ) desta os dias nas afflicções prolongadas de huma enfermidade: *minorasti dies temporis ejus*: assim entendem commumente os Expozitores; diminua, digo, a hum Rey, a quem escolhera para Senhor do seu Imperio, e ungira para Rey da sua amada monarchia, qual outro David zeloso do seu culto: *Inveni Da-*  
*vid.*

vid servum meum, oleo sancto meo unxi eum; e que com- ibidem v.  
 padecido Deos do estrago, que huma só vida cauzara em 21.  
 tantas, huma só enfermidade em tantos corpos, lhe de-  
 ra a mãõ, para levantarle do lethargo, em que cahio, em-  
 prestandolhe o valor do seo braço, já que o do Rey  
 pelos accidentes da doença fraqueava: *Manus mea au-* vers. 22.  
*xiliabitur ei, & brachium meum confortabit eum:* al-  
 cançou este Rey ( continua o mesmo David ) beneficio  
 taõ aventajado, porque rogou a Deos com deprecaçoens  
 repetidas: *ipse invocabit me,* chamandolhe Pay, Deos, vers. 27.  
 e unico remedio para a sua saude enferma: *Pater meus es* ibidem.  
*tu, Deus meus, & susceptor salutis meae.*

Mas como he este Rey figura do nosso sempre ama-  
 do Principe? Que empenho conseguiu, e facilitou o  
 despacho? O Principe, de quem o texto falla, he hum,  
 a quem naõ a ordem da natureza, mas sim Deos fizera  
 primogenito, e herdeiro do Reyno: *Et ego primogeni-* vers. 28  
*tum ponam illum:* Cumpriose no nosso Monarca a fi-  
 gura; a natureza o fez filho segundo do Senhor Rey D.  
 Pedro, taõbem segundo; outro foi o primogenito, e  
 primeiro filho, mas Deos sepultou com humas espe-  
 ranças da natureza para resuscitar ellas, e as suas em  
 outro, tirando ao Ezau a herança, para a dar ao seo Ja-  
 cob, ou Israel, a quem fazia Rey: *Sancti Israel Regis* vers. 19.  
*nostri,* fazendo-o voluntariamente primogenito, e Prin-  
 cepe, já que a natureza segundo, e Infante o fizera: *Pri-* ut supra  
*mogenitum ponam illum:* era hum Rey, que ou naõ  
 tinha inimigos, porque o seo respeito os vencia: *conci-* vers. 24  
*dam a facie ejus inimicos ejus;* ou se ostinha, a sum-  
 ma rectidaõ das suas aççoens punha em fugida, aos que  
 conciliava contrarios: *Odientes eum in fugam conver-* ibidem.  
*tam;* hum Rey nomeado com veneraçãõ pelos Reys  
 da terra em submisso conhecimento da sua grandeza:  
*excelsum præ regibus terra;* hum Principe em fim, vers. 28.  
 cujo

cujo trono, e geraçã Deos extenderia sem sombras de  
*Verf. 30.* alheio dominio, nem intruzos successõres: *ponam in saeculum saeculi semen ejus*: e que outro Monarca he este, senao o que agora felizmente gozamos? Elle vence sem pelejar, e ambiciozo da paz, como capital utilidade dos seus povos, ainda naõ deixou, que o bronze rouco defasialle para as campanhas áquelles, a quem o reverente horror das suas armas, do braço Portuguez, deixava com gloria nossa, antes de pelejarem, vencidos: os seus contrarios (melhor dissera, que os naõ tem) só com ouvir o seu nome, cedem, só ao seu respeito pela fama inculcado se rendem; porque as discenções entre as Coroas inevitaveis elle sabe compor com tal industria, que regeita a guerra valerozo, procura a paz sem parecer covarde; armase, sem imperar esta aççã o furor bellico: elle he, atrevome a dizello assim, mayor que os mais Reys da terra na opulencia do seu Reyno, na extensã do seu imperio, no legitimo Senhorio das suas Provincias: *excelsum præ regibus terræ*; Rey em fim, a quem Deos para inalteravel, perpetua, e glorioza successã da Serenissima Casa de Bragança, deo, e darã no curso dos annos dilatados herdeiros, seguros successõres, e fecundos ramos deste dourado: *ponam in saeculum saeculi semen ejus*.

Mas que intercessor teve este Monarca para o feliz desẽpenho das tuas empenhadas supplicas: *invocabit me susceptor salutis meæ*? Dizo texto, que Deos rezervará a sua piedade, e compaixã para o Rey enfermo: *servabo illi misericordiam meam*. Porque o seu testamento, palavra, ou juramento seria fiel, ilto he, o juramento, ou palavra divina: *Testamentum meum fidele ipsi*; de sorte, que incitado Deos pela sua justica a continuar o castigo, tinha neste juramento, ou palavra hum, como empenho taõ forte, que naõ poderia saltarlhe, ou profanar

*Uti supra.**Supra.**Verf. 29.**Ibidem.*

fanar o feo respeito: *Neque profanabo testamentum me-  
um.* Mas que testamento he esse, para quem olhando  
Deos, postoque a sua ira permittisse pelas nossas culpas  
o estrago: *Visitabo in virga iniquitates eorum*, para  
quem attendendo o Omnipotente, ou suspendia o flagel-  
lo, ou a sua maõ curava os golpes? Era testamento, e  
divina palavra, assim o lem as verfoes de Fortunato, e  
Vatablo em lugar de *Testamentum, fædus meum, pactũ  
meum*, o meo juramento, conferto, pacto, e ajuste; de  
forte que o mesmo Deos claramente explicou toda a  
duvida, que podia haver, dizendo, que neste testamen-  
to jurara: *Semel juravi*; no qual testamento jurou Deos  
a David, bem como ao nosso primeiro Rey D. Affonso  
Henriques, que lhe conservaria o Reyno, dilataria a  
geraçã, e luzido trono: *Juravi, semen ejus in eter-  
num manebit, thronus ejus, sicut sol in conspectu meo*;  
e a outro, que na sua descendencia preparava para si o  
imperio: *Volo in te, & in semine tuo imperium mihi sta-  
bilire*: ambas estas palavras obrigavaõ a Deos sum-  
mamente verdadeiro à fidelidade: *Testamentum meum  
fidele*; huma, porque jurara a David: *Juravi*; outra, por-  
que imperiozamente o mandara a Affonso: *Volo*; mas  
reparando meudamente, o que a palavra *testamentum*  
no presente texto significa, parece, que o nome de S.  
Izabel me inculca, parece, que huma imagem sua me  
pinta, para a qual olhando Deos, nem poderia, atten-  
dendo à sua palavra, deixar de desempenhalla, e reme-  
diar deste feo amado Reyno taõ lamentavel estrago. Es-  
te nome *testamentum*, juramento, ou conferto he o  
que quer dizer o nome de Izabel; assim se lê na inter-  
pretaçã dos nomes antigos: *Elisabeth Deus juramen-  
ti*: Veja agora o empenho, de quem pede, se apadrinha-  
do de hum nome, que significa a divina palavra, juramen-  
to, ou testamento: *Elisabeth Deus juramenti*, deixará  
Deos

Vers. 35.

Vers. 33.

Vatabl. &  
Fort. hic.

Vers. 36.

Vers. 37.  
38.

ut supra.

ut supra.

sic habet  
in sine Bi-  
blia.

12 *Sermão Panegyrico-Deprecativo*

Deos de annuir aos rogos, despachar as supplicas, quando olhando para a sua palavra, ou para si, quando promette, encontra o nome de Izabel em si mesmo expressado; de sorte, que Izabel não só significa, e representa o seu juramento; mas ainda ao mesmo Deos, que jura:

*ut supra. Servabo illi misericordiam meam: testamentum meum fidele ipsi: Elisabeth Deus juramenti.*

Deos dá a faude aos Reys, não quero dizer o contrario; as suas enfermidades, parece, que só Deos as cura, como hum a outros Monarcas, disse-o em proprios termos o segundo Rey de Israel enfermo: *Circudederunt me dolores mortis... confitebor tibi Domine magnificans salutes Regis*; assim como para cortar o fio da vida aos Principes, parece, que só o valor de hum braço divino tem poder, e por esta cauza, quando outras não houvessem, devem os Reys ter a Deos maior respeito, que os mais

*ps. 17. v. 5. 51.*

homens: *Qui aufert spiritum Principum, terribili apud Reges terræ*; assim taõbem só Deos lhes dispensa a vida contra os accidentes da morte: *Qui das salutem Regibus*; de sorte, que, polto seja o beneficio da faude dom seu, effeito da sua mão, que a todos abrange,

*ps. 75. v. 13.*

conserva, e vivifica, *In ipso enim vivimus, movemur,*

*ps. 143. vs. 10.*

*& sumus... ipse dat omnibus vitam, & inspirationem,*

*Ahor. 17. v. 22. 28.*

aos Reys particularmente a sua mão se estende para dispender-lhes a faude, querendo, que á sua mão especial-

mente a devaõ: *In potentatibus salus dextræ ejus.*

*ps. 19. v. 7.*

Sendo esta verdade taõ evidente, como irrefragavel, sendo que o seu poder he neste, como nos mais benefi-

cios absoluto, nos deixou taõbem hum poder impetra-

tivo: quer, que as oraçoens, e rogativas lhe peçaõ para

os Reys a faude, e que para o bom despacho destas sup-

plicas nos apadrinhemos de efficazes, e authorizados

valedores; não são bem ouvidas as petiçoens dos reos

jultamente culpados, sem se valerẽ, de quem mais valha,

porque

porque Rey, supremo Juiz, parece que não deixa chegar ao feo tribunal supplicas sem padrinho, quando as nossas demazias incitaõ ao castigo: *In diluvio aquarum multarum ad eum non approximabunt.* ps. 31. v. 6.

Por se esquecer desta obrigaçãõ de pedir, e bulcar valias para o remedio das suas enfermidades; ( costume, e ley, que com Deos devem uzar os Reis ) morreo El Rey Asa, entendendo, que, sem repetir rogativas, bastariaõ as applicaçõens da medicina para curarse: *Ægrotavit Asa, nec in infirmitate sua quæsitit Dominum, sed magis in medicorum arte confusus est, dormivitque, & mortuus est:* assim enfermou, e morreo o desgraçado Rey Joram, que não procurando abrandar a justiça punitiva de Deos com sacrificios, a este não mereceo a vida, nem ainda aos feos vassallos as costumadas exequias, como carecendo das honrozias ceremonias do sepulchro quem desprezara as piedozas rogativas da doença:

*Mortuus est in infirmitate pessima, & non fecit ei populus secundum morem exequias.* ibid. 21. vers. 15.

Curaõ-se as doenças dos Monarcas com este medicamento de preces, supplicas, e rogos; disseo David, e Jesus de Sirach no Ecclesiastico; o primeiro, referindo que na sua enfermidade invocara por si, e por feo Reyno a Deos: *Circumdederunt me dolores mortis... in tribulatione mea invocavi Dominum, & ad Deum meum clamavi:* ps. 17. v. 6. 7.

o segundo, mandando nas enfermidades continuar os rogos: *In tempore infirmitatis non impediaris orare semper.* Eccl. 18. vers. 21.

São os Reys, se izentos ás vezes das pensoens da fortuna, fugeitos ás da natureza, mortalidade, e humanas; são homens, e senaõ mais, ao menos, taõ frageis, como os outros, segundo a sentença, [ se a experiencia nos he nella materia melhor prova ] do Rey de Israel o mais sabio: *Sum & ego mortalis homo;* quem lhes diviza as purpuras, que trajaõ, parece-lhe, que assim como a jurisdicãõ os

Sap. 7. v. 10.

## 14 *Sermão Panegyrico-Deprecativo*

assemelha a Deos Senhor, os fará parecidos a Deos immortal, mas a mesma coroa, que honra, peza, o mesmo sceptro, que exorna, grava, a mesma purpura lhes serve de mortalha. Para evidencia deste defengano costumaraõ os antigos encher as purpuras vistozas dos seus Princeses no dia, em que se coroaõ da horrorosa multidaõ de varios ossos, como pondolhes diante dos olhos nestes feccos despojos da morte o tropheo, que esta levava das suas vidas: por isso os Romanos, ( os quaes poitque cegos com as superstiçoens gentilicas, deraõ leys em toda a materia ao mundo ) como conta Valerio Maximo, com Cicero, sempre que elogiavaõ aos seus Princeses, davaõ principio aos encomios com o estylo de rogar; disseo

*Ita Jacobus de La Bauns ad usũ Delphini tom. 1. Orat. 10. fol. 3. Jacob 50. vers. 14.*  
 elegantemente Plinio, Orador Romano: *Bene, ac sapienter maiores instituerunt dicendi initium à precationibus capere*: finalmente he dictame de S. Tiago Apóstolo, que para o remedio das enfermidades, e certo alivio da doença se façãõ pelos enfermos preces, e humildes rogativas a Deos: *Infirmatur quis in vobis, orarent super eum, & oratio fidei salvabit infirmum.*

Animadas destes exemplos, que para quem pede, valem muito; advertidas deste conselho a empenhos do seu agradecimento, e affecto todas as Religiozas deste Convento, repetem supplicas, multiplicaõ rogos, afervoraõ empenhos, e entre os aplauzos, com que a sua Regia valedora lizongeaõ, mixturaõ petiçoens entre elogios. De caza tem, quem peça o despacho, nem o sexo lhes difficulta a esperança, nem a condiçaõ lhes faz meno sattendiveis as supplicas, porque empenhos, e lagrimas feminis saõ seguros valedores, do que pretendem. Pela faude de Abias Principe rogou a molher del Rey Jeroboã ao Propheta Ahias: *Uxor Jeroboam ingreditur, ut consulat te super filio suo, qui aegrotat.* Para fim das dezejadas melhoras, valemse, como foi sempre louvavel costu-



costume, dos rogos dos Santos, e daquelles, que com Deos acabaraõ tudo, quanto pedimos. A hias pedio Ezechias enfermo, rogatie a Deos por elle: ao mencionado Ahias, Profeta procurou Jeroboã, como a valia poderosa para conseguir de Deos a laude: isto mesmo praticaraõ sempre, mais que os outros, os Monarcas Portuguezes; assim o testifica, assim o prova o inveterado costume de preces, e devota inquietaçã, com que á força dos nossos empenhos, e ceremonias deixaõ os santos os altares, para acompanharem as publicas petiçoens, e ao enfermo, a virtuoza emulaçã, com que parece, que huns a outros santos se adiantaõ, para que se lhes deva o beneficio das melhoras; finalmente alem destas rezoens, porque os Oraculos dos Imperadores Portuguezes, naõ saõ outros, mais que elles prodigios da santidade, estatuas mortas para a vida, para milagres vivas, estas consultaõ, empenhaõ, e anciozamente buscaõ. Deixo de relatar particulares successos; diga-o a liberalidade Regia, o adorno dos templos, os sumptuosos edificios, de empenhos, que foraõ da obrigaçã, e divida contrahida aos santos pelo despacho de supplicas: para este fim rouba a devoçã parte dos seus corpos, reliquias dos seus vestidos, e valendose destes desperdicios, os depozitaõ, como penhores do milagre. Com os ossos de Elizeu, já morto, deo Deos a outro vida: *Cum tetegisset ossa Elizei, revixit homo*: com a capa de Elias, meo Padre, já auzente para o Paraizo, em que vive, dividio Elizeu seu filho, e Irmaõ meo, as correntes arrebatadas do Jordã, valendose desta reliquia para aquella façanha: *Per-* I. Reg. 2. vers. 8.  
*cussitque aquas, & divise sunt huc, atque illuc*; finalmente o mesmo segundo Carmelita, Elizeu ainda vivo, deo a Giezi o seu bordaõ a fim de resuscitar com elle ao infante morto: *Tolle baculum meum... & pone super* I. Reg. 4. v. 29.  
*faciem pueri.* Tem o nosso Monarca entre outras  
 reli-

reliquias, thezouros que íao de estimavel preço, de sua Avó a Rainha S. Izabel, parte de huma colcha, que envolveo o feo corpo, já cadaver, e huma grande porção do tumulo immediato ao feo corpo, em que elleve antes de ser para este novo trasladado; e com estes defenivos, e penhores quem deixará de segurarlhe a vida, quem não esperará as melhoras assim procuradas, como desempenho destas supplicas? Tocamos hum successo misteriozo, verdadeiro, e que conduz, como exemplo, ao nosso caso.

No tempo, em que Saul vingativo, e não menos ingrato a David, a este procurava para a morte, Michol, mulher do mesmo David, aos que verdugos da crueldade, para este inhumano emprego o buscavaõ, respondeo, que David, feo espozoz enfermava: *Responsum est, quod egrotaret*; e entendendo Saul, que esta era para o feo dezejo a melhor occasiaõ, em que as disposições da enfermidade concorreriaõ para a morte, mandou, que assim mesmo enfermo lhe cortassem da vida os fios: Michol, que em David tinha o feo amor de guarda, e animava a feo espozoz de duas vidas, temendo, que Saul conseguisse o empenho, uzou desta mysterioza industria para livrar a David da morte; no leito, em que o fingio enfermo, poz huma imagem, e hum, como véo, a que o texto chama pelle, com que

*ibid. vers. 13.* á cobrio: *Tulit autem statuam, & posuit eam super lectum, & operuit eam*: assim acharaõ os ministros da impiedade, verdugos da vingança, que a David buscavaõ para a morte: *Inventum est simulachrum, & pellicis*; desta, como cobertura, ou capa, se valeo David, com esta industria se salvou da morte, venceo o perigo da vida, escapou de ser este o ultimo lethargo:

*vers. 18.* *David autem salvatus est.* Deixo de duvidar da industria, para accomodar o successo.

Que David representasse ao nosso Monarca em algumas maravilhozas acçoens da sua vida, o sabem todos, pois as acçoens heroicas de hum, e outro forão empenho, e desempenho igual; e se o estylo, que nesta oraçaõ observo, fosse puramente panegyrico, ou chronico, esta só femelhança bastava para assumpto, mas como o methodo he de pedir, naõ admite elogios prolongados, diga-os no silencio o respeito. Tinha David huma imagem junto ao seu leito, tem o nosso Monarca ( e tem no mesmo lugar, porque entendendo, que a devoçaõ dos seus vassallos naõ teria esse descuido ) como todos, desde a beatificaçaõ da Rainha, por antonomazia Santa, huma imagem tua: tem o nosso Principe com tudo mais do que isto: tem a colcha, ou huma grande parte della, com que o corpo de S. Izabel se cobria no tumulo, e goza huma imagem melhor, que os seus antecessores, hum retrato de S. Izabel, achado prodigioza, e venturozamente no seu esquite. Quando se trasladou o corpo da Rainha santa para aquelle magnifico mauzoleo [ melhor lhe chamaria throno ] ao repartir as prendas, que ficaraõ triumphadoras da voracidade do tempo, principalmente aquellas, com que no antigo caixaõ se envolvia o corpo, se achou, como relata Frey Antonio de Escobar, meo Carmelita, empenhado Chronista de sua acçaõ, nas duas taboas, que serviaõ de pavimento, e tecto ao esquite huma imagem da Rainha Santa, como, se ambicioza a urna, do que temia, lhe roubassem, quizelle ao menos ser fiel retrato; e deposito da copia, quando o Prototypo, e Original fosse trasladada; de sorte, que na taboa do caixaõ, sobre que descansava o corpo, apparecia das costas a figura, e na parte superior ao rosto se retratava este, polioque com pinturas de morta cor; estas duas taboas se entrega-

*In suo libro, qui agit de hac translatione.*

18 *Sermaõ Panegyrico-Deprecativo*

raõ, como principal prenda ao Senhor Rey D. Pedro, a quem a tralladaçãõ se devia, nestas duas taboas, bem como as da ley, esculpira, e debuxara o dedo de Deos vivo esta taõ maravilhoza copia, pois he certo, que neste retrato naõ podia entrar indutriadarte: esta imagem conserva Sua Magestade, e com ella, como a thesouro, conserva parte do véo, colcha, ou cobertura do seo santo corpo; e como temeremos da morte o perigo a este David Portuguez enfermo:

*Nuntiatum est, quod egrotaret;* se elle tem estas duas *ut supra.* as prendas, imagem, e colcha: *Inventum est simulachrum, & pellis,* se elle nestes dois defensivos tem hum quazi seguro de escapar por agora dos ultrages *ut supra.* da morte: *David autem salvatus est.*

A caber no breve termo de seis dias ( que este taõ pequeno prazo me permittio o repente desta aççãõ ) discursão nesta materia mais prolixo, diria, que por força desta reliquia, ou véo, que servio ao corpo morto de S. Izabel de colcha, e ao corpo enfermo do nosso Monarca de escudo, se havia cumprir aquella promessa de Ezechiel, na qual conta, que hum compadecido animo, figura facilmente accommodavel á Rainha Santa, vendo a cabeça de hum Reyno perigoza, e prolixamente enferma:

*Transiens per te vidi te conculcari in sanguine tuo,* que lhe segurara da parte de Deos duas vezes a vida: *Dixi tibi, vive, dixi, inquam, vive,* e que para sortir effeito este bom annuncio, diz o texto, que este compassivo animo cobrira ao enfermo com hum tal véo, cobertura, ou colcha, que tudo significa genericamente a *ut supra.* palavra *Amictum;* *Et expandi amictum meum super te,* e que deste medicamento sympatico se lhe seguiu a vida:

*Ux supra.* *Vive, dixi tibi;* isto, e outras muitas figuras accommodaria ao cazo, pois, aindaque o tempo foi breve, sabe o desejo dizer em pouco muito, mas para coroa, e conclu-

cluzão do discurso direi, e não quero, que a proposição pareça nova, que para esperar, ou segurar a laude, por quem pedimos, não só concorrem as circunstancias, que ponderei, mas a de ser hoje o dia decimo desde o primeiro, em que teve pompozo principio a Sagrada solemnidade do Oitavario de S. Izabel, que hontem teve fim: para chamarlhe dia decimo me valho da conta dos Umbros, e Athenientes, que contavaõ os seos dias do Zenith do Sol por diante, e desta sorte, quando a accepção dos dias Ecclesiasticos não favorecesse esta intelligencia, ainda o dia de hoje ha de ser o decimo da sagrada solemnidade desta festa; passou já esta pompa por oito, e contando o dia das primeiras Vesperas, nove dias successivos, torna hoje neste dia decimo, como a principiar-se; retrocede, pois já passou, e neste retrocesso de dez dias, encontro hum indicativo de melhora, hum final de laude; de sorte, que nelle prova o nosso Monarca enfermo as esperanças de recuperar laude. Eu não quero fazer, contra a medicina, o dia decimo, dia critico desta doença, nem disto me podem calumniar, os que bem me entendem, pois este não he o dia decimo da enfermidade, só digo, que o empenho, de quem esperamos as melhora, à sombra do Sol Divino, que neste sublunar Regio influe, neste retrocesso indica a laude.

Enfermou Ezechias, Rey santo de Juda, com doença prolongada, e mortal: *Ægrotavit Ezechias usque ad mortem*; muitas vezes no decurso da enfermidade, como o nosso Principe, entendo, que era chegado o ultimo dos seos dias, e que em breves horas acabaria a pensionada fadiga do governo: *De mane usque ad vesperam finies me*, não só o entendo assim, mas o fizeraõ entender claros avizos de Haías, que a Ezechias fazia officios de bom valido, avizando ao seo Rey enfermo dos negocios do seo Reyno, e alma, como contas da

mayor,

20 *Sermão Panegyrico-Deprecativo*

*Ibid.* v. 1. mayor, e ultima ponderação: *Introivit ad eum Isaias, & dicit ei... dispone domui tue, quia morieris tu, & non vives*: com as noticias, que occultamente em palacio se proferem, fazem estrondozo ecco, ainda aonde são menos bem ouvidas, como a noticia da morte de hum Rey taõ amado era origem de hum geral sentimento nos Vassallos, que provaõ nellas demonstrações, o quanto aos seus principes amaõ. Romperaõ em preces a Deos pela faude de hum Rey, alma do seu povo: O mesmo Monarca enfermo entre angustias mortaes, com que luctava, deo o tom aos suspiros do seu Reyno; e exemplo com as suas ás enternecidas lagrimas dos seus Vassallos: *Ezechias oravit ad Dominum, & dixit, obsecro Domine... & flevit Ezechias fletu magno*: conseqüio o enfermo Rey as melhoras, porque Deos ouviu, e despachou as supplicas, augmentandolhe a vida, accrescentandolhe annos: *Audiui orationem tuam, & ecce sanavi te*; e para final de que recuperaria a faude, lhe deo Deos a Ezechias a escolher, se queria, que a sombra do sol se adiantasse dez linhas, ou retrocedesse outras tantas, tornando, como a primeira: *Hoc erit signum... Vis, ut ascendat umbra decem lineis, an ut revertatur totidem gradibus*: accitou Ezechias o final no retrocesso, querendo, que a sombra do sol, que correrá desde a primeira dez linhas, ou grãos, tornasse a tras: *Volo, ut revertatur retrorsum decem gradibus*: este o unico indício, q̄ Deos a Ezechias offereceo, e que o mesmo Rey recebia, como seguro annuncio das melhoras: *Quod erit signum, quod Dominus me sanabit*: de forte, que a sombra se tinha adiantado dez grãos, e tornando a correllos, ou ao seu primeiro, era o final das melhoras, annuncio, e indicativo da faude: *Hoc erit signum, quia Dominus me sanabit... Volo, ut revertatur retrorsum decem gradibus... & reduxit umbram per*

*Verf.* 2. &  
3.

*4. Reg.* 20.  
v. 5.

*Ibid.* v. 9.

*Verf.* 10.

*Ibid.* v. 7.  
11.

*per lineas, quibus jam descenderat.*

Este Ezechias enfermo (sejame licito accommodar hum a outro cazo) era hum propriissimo retrato do nosso Monarca, evito accommodaçõs ordinarias; huma só direi, pôr ser em hum, e outro Principe especial, e unica, para serem ambos do agrado particular de Deos, seo soberano; a cultura, magnificencia, ornato dos templos, a observancia pontual, e pompoza das ceremonias Eccleziasticas, o dispendio das Reaes fazendas em sustentar diversas Ordens, Hierarquias, e Ministros do altar, os officios em fim, e ministerios da caza de Deos: *In universa*, diz o livro 2. do Paralipomenon, fallando de Ezechias, *cultura domus Domini juxta legem*, 2. Paral. 31. v. 21. *& ceremonias... fecitque, & prosperatus est*: a sombra, que retrocedeo, era figura de S. Izabel, naõ só porque ella, nascendo luz, viveo propriamente, como sombra, e sombra, que a Deos segue, e gyra ao Sol increado os raios no curso de huma vida, a todos os estados exemplar, mas tambem, porque os Santos, como disse Laureto, saõ sombras: *Sancti autem sunt umbraculum, id est, diminuta umbra*: em fim retrocedendo do seo dia, este decimo veio a indicar as melhoras, porque Deos, como Increado Sol neste retrocesso, mediante esta milagroza sombra sua S. Izabel, influiria na faude: *Revertatur umbra retrorsum decem gradibus... reduxit umbram per lineas, quibus jam descenderat... hoc erit signum, quia Dominus me sanabit*. Estas as esperanças, oh Religiozo empenho, das tuas supplicas, ella a conclusãõ do teo dezejo, o effeito do teo affecto, paga da tua obzequioza petiçãõ, pois naõ só, e de qualquer sorte queres para o teo, e nosso amado Principe enfermo o bem da faude contra o mal da doença, que padece, pagando neste obzequio irremuneraveis merces, benevolencias excessivas: *Si diligitis eos, qui vos dili-*

Lauret.  
Sylv. alle-  
gor. verb.  
umbra.

Ut supra.

Ut supra.

22 *Sermão Panegyrico-Deprecativo*

*diligunt... si postulaveris, bona precamini*, mas he principalmente em S. Izabel valia, que te apadrinha, os rogos, que por nos intercede, tens na faude deste teu anciozo dezejo segura a mercè, que pedes, *Quam mercedem habebitis.*

*Ut supra.*

Moleitaõ, enfadaõ, affligem, naõ sem dor grande dos que pedem, aos que ouvem supplicas, dilatados periodos de petiçaõ, e prolixas razoẽs de necessidade: eu reduzo a hum epilogo breve toda a razaõ, e empenho das rogativas: este he o memorial (com vosco só fallo agora, Augustissima Rainha S. Izabel desta Monarquia Portugueza) este o empenho, cõ que haveis pedir a Deos para este Rei, e Reyno enfermos a faude: *Domine, salvũ fac Regem*: a efficacia no rogar de vós se espera, e naõ menos a felicidade no conseguir; naõ vos faltaõ razoẽs para affervorares o despacho: allegai a Deos, q̃ quereis, como elle uza, pagar a este Rey filho nesta occasiaõ, a melhor para o deitẽpnhõ, o que na vossa trasladaçaõ do antigo para este novo Convento deveites ao Senhor Rey D. Pedro, seo Pay. Remunera Deos nos filhos as proezas, finezas, e façanhas, que em obsequio da sua honra fizeraõ os Pays; tres exemplos baltão; as heroicas aççoens de Abrahaõ pagou Deos em Isaac, de Isaac em Jacob, de David em Salamaõ. Quem póde negar, que este Rey he muito vosso, da vossa inclinaçaõ, e especial affecto; para isto só baltava observar elle huma, e a principal clauzula do vosso testamento, a conservaçaõ da paz com os Reynos de Castella, couza, em que tanto cuidastes viva, e deixastes recomendada para depois de morta; nenhum outro Principe conservou melhor esta uniaõ, e pacifico vinculo, até reduzillo de amizade ao sangue, de paz a parentesco. Accrece, que este melhor descendente da Casa Serenissima de Bragança, solar taõ illustre, como o seo tronco, e taõ Catholico, como elle mesmo; este descendente he

*Psal. 119*  
*v. 10.*

*Ita Esco-*  
*bar, ubi*  
*supra.*



por essa razão para vós hum fugeito muito attendivel; a restituição do sceptro a esta antiquissima origem de Monarcas a vós se deve, segundo o escreve o meo Escobar já referido. Fostes para este Mosteiro trasladada no mesmo mez, e quasi no mesmo dia, em que dahi a 12. annos havia nacer este Neto vosso, e nosso Principe. Podeis obrigar a Deos pella palavra: jurou de olhar para este Reyno, ou herança sua, quando afflicta, este he o tempo, em que o seo imperio se vé attenuado, he tambem tempo de cūprir a promessa feita ao primeiro Rey: *In ipsa attenuata respiciam, & videbo*: attenuado dilite, e que mais, de que nos continuos sullos de perder (oh durissima palavra) hum principe, naõ Rey, mas Pay, na perda, sim lamentavel, dos outros Monarcas perdeuse em qualquer hum só, na deste perdersehiaõ todos: elle he Affonso no invencivel, Pedro na rectidão das justicias, Manoel no dominio do mar, Joaõ III. nas letras, Sancho na veneração aos templos, e Sacramento do Altar; he todos em fim elle só; e se Roma queria supersticiosamente immortalizar ao seo Constantino, Portugal dezeja perpetuar a este; naõ se extendem os dezejões, por naõ tropeçar na fé, á perpetuidade, para a conseguirem, sim para a dezejarem, e quando os empenhos só com melhoras se naõ contentem, com ellas se lizongeaõ; para este anciozo dezejo nem desconheceis, nem ignorais os motivos. Pedem em fim todos, os que nesta petição deraõ o nome para as supplicas, pedevos este vosso Convento, vosso até no antigo nome, que teve, pede, e este he o rezumo da petição, agradecido para hum Rey generoso, Bemfeitor seo, e empenho vosso, a saude perfeita, a prorogação das melhoras; nullo fazem as supplicantes Religiosas deste Real Mosteiro tudo, o que devẽ a si, ao seo Rey, e a vós; a vós, pois sendo Avó sua, vos lizongeaes, e muito, de vos pedirem por hum taõ especial

Foi o Senhor D. Nuno Alvares Pereira, que no Convento do Carmo de Lisboa, foi ao depois Convento Carmelita.

24 *Sermaõ Panegyrico-Deprecativo*

cial Neto voffo; ao feo Rey em gratificaçãõ rendida de multiplicados novos beneficios, que vos tocaõ; a fi finalmente, pagando ao feo dezejo, com que anciozamente anhellaõ a vida deſte feo Monarca em dias de annos

*psal. 60. v. 7.* prolongada, *Dies super dies Regis adjicies*, e eſperaõ do voffo patrocínio o fim dezejado deſtas ſupplicas, cuja mercè de vos, e de Deos receberãõ, *Quam mercedem habebitis.*

F I M.



*De S. Joachim*

*De Sancta Rosa*

*Capitulum*